OS
LVSIADAS
de Luis de Camoẽs.

COM PRIVILEGIO REAL.

Impressos em Lisboa, com licença da Sancta Inquisição, & do Ordinario: em casa de Antonio Gõçaluez Impressor.
1572.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Lisboa, António Gonçalves, 1572. Desde finais do século XV, havia intenção de cantar os feitos portugueses na descoberta de novos mundos e novos povos. Várias foram as propostas e presumivelmente as tentativas. Só o domínio do latim e da literatura latina recuperados pelos humanistas veio abrir o caminho para que Luís de Camões, tomando o modelo da *Eneida* de Virgílio, elaborasse o seu extraordinário poema, em forma que contribuiu fortemente para fixar o português literário. A inteligência de um censor (Bartolomeu Ferreira) permitiu a publicação. O êxito foi tal que nem a tentativa de aliviar o texto (edição dos Piscos, de 1586) conseguiu estropiar *Os Lusíadas*. Foto: BN, LISBOA. *In:* MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal*. 3 v. Lisboa: Editorial Estampa, [s.d], p. 361.

Os Lusíadas exaltam o povo luso e consagram a sua língua. Constituem uma das obras-primas da literatura universal e revelam um português próximo do atual, pela fusão de elementos clássicos e modernos.

Seria o que ocorreu com o nosso modernismo no Brasil, onde os escritores procuraram fundir formas e temas sobre a problemática nacional, na tentativa de definir a brasilidade. O que, no entanto, não invalida as obras magistrais de Machado de Assis[12], Euclides da Cunha e de Monteiro Lobato,

12 Francisco José Lopez Alfonso, professor da Universidade de Valença, é um dos críticos

cujos temas tratados se anteciparam à forma utilizada, ainda clássica.

1579 – Chegaram a Macau dois sacerdotes jesuítas italianos, Michele Ruggieri (1543-1607) e Matteo Ricci (1583-1610), e ali começaram a estudar como ler e escrever o cantonês (dialeto local), tendo fundado a primeira escola para ensinar esse idioma para estrangeiros. Realizaram o primeiro DICIONÁRIO PORTUGUÊS-CHINÊS, no qual transcreveram palavras chinesas no alfabeto latino. Nisso foram auxiliados por um jesuíta chinês, Sebastiano Fernandes, que havia sido criado e estudara em Macau. Infelizmente, esse dicionário ficou esquecido numa biblioteca, apenas encontrado há poucos anos. Também realizaram o primeiro CATECISMO EM MANDARIM, que constituiu o primeiro livro chinês escrito por um europeu.

1580-1640 – DOMÍNIO ESPANHOL. O português ainda sofreria influência do castelhano, devido à sua presença em Portugal e no Brasil, incorporando alguns vocábulos e, no século XVIII, do francês, o que fez com que a língua da Metrópole se afastasse daquela falada nas colônias. Nosso idioma chegou à América como parte da epopeia dos descobrimentos marítimos realizados pelo povo português, nos séculos XV e XVI.

1531-1533 – A colonização portuguesa inicia-se, no Brasil, com a chegada de Martim Afonso de Souza, fundador das primeiras vilas brasileiras e donatário da Capitania de São Vicente. Trazia quatrocentos homens em cinco navios, que incluíam súditos designados para administrar a vida municipal.

A língua portuguesa era falada pelos colonos, por alguns indígenas, africanos e mestiços. As ordens religiosas guardaram e transmitiram o saber relativo à civilização ocidental, fundaram igrejas e colégios regulares, estudaram o tupi, ensinaram o vernáculo aos filhos dos colonos e aos índios.

O PADRE JOSÉ DE ANCHIETA (1534-1597), HOJE SÃO JOSÉ DE ANCHIETA – Uma vez no Brasil, o português se enriqueceu, pois serviu de instrumento, já no período colonial, para pensadores, poetas, oradores sacros,

---

estrangeiros que estão valorizando Machado de Assis. Diz ele que o escritor constitui *"um dos grandes mestres do Realismo do século XIX, e o primeiro grande contista latino-americano"*. Ver o portal sobre Machado de Assis no site: www.cervantesvirtual.com. *O Estado de São Paulo*, 12 de julho de 2013, Caderno 2, p. C9.

historiadores e outros intelectuais de valor, tanto vindos da Metrópole quanto nascidos no novo território. José de Anchieta, que dominava, com facilidade, a língua mais falada pelos indígenas, escreveu a antológica *Arte da Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil* (1595). Compôs, também, hinos, canções, historietas e peças de teatro. É considerado o fundador da Literatura Brasileira e o iniciador da poesia lírica na América Portuguesa.

SÉCULO XVII – O PADRE ANTÔNIO VIEIRA (Lisboa, 1608-Salvador, Bahia, 1697), professor e grande orador sacro, entre outras obras é autor de Os *Sermões* e as *Cartas,* considerados monumentos da língua portuguesa e da literatura barroca. O ensino seguia em mãos das Ordens religiosas, devendo a formação acadêmica dos discípulos leigos ocorrer na Metrópole.

SÉCULOS XVI, XVII E XVIII – Floresceu uma série de historiadores religiosos e leigos, nascidos ou falecidos em nosso solo, que nos legaram obras clássicas sobre a formação do Estado do Brasil. Citemos alguns deles: Padre Fernão Cardim (c.1549-1625); Pero de Magalhães Gândavo, humanista, latinista e historiador, escreveu HISTÓRIA DA PROVÍNCIA DE SANTA CRUZ (1576) e TRATADO DA TERRA DO BRASIL (inédito até 1826); Frei Vicente do Salvador (1564-1636-1639); os paulistas Frei Gaspar da Madre de Deus (1715-1800), Pedro Taques de Almeida Paes Leme (1714-1777) e Mathias Aires (1705-1763), primeiro filósofo e cientista brasileiro, cuja irmã, Teresa Margarida (1711 ou 1712-1793), foi a primeira romancista brasileira[13].

DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA por Antonio de MORAES SILVA – No Rio de Janeiro, nasceu Antônio de Moraes Silva (1757-1824), o primeiro dicionarista brasileiro, autor do *Dicionário de Língua Portuguesa,* editado três vezes, em Lisboa, obra clássica para os estudiosos. Contudo, existia preconceito com relação ao idioma, tanto no Brasil quanto em Portugal, nos quais já se manifestava a tendência à aceitação dos neologismos sem que se dessem ao trabalho de traduzi-los. Na edição de 1813, observa o editor que tal atitude era devida ou à ausência de estudo, ou por ignorância, e lamenta que a língua fosse considerada *"pobre, rude e áspera... quando*

13 Luís Correia de Melo, *Dicionário de Autores Paulistas*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade, 1954.

se bem a conhecessem achariam quem, em riqueza, majestade e harmonia nada tem que invejar as mais cultas da Europa [...] e que fosse adulterada ao adotar frases de outras, por serem consideradas melhores, sem que delas houvesse necessidade" [14].

1759 – MARQUÊS DE POMBAL – Havia (e ainda há) inúmeras línguas indígenas, formando grupos linguísticos que não se entendiam entre si. As tribos eram nômades, viviam na pré-história, isto é, na Idade da Pedra. Até o século XVIII, a língua geral era falada na costa do Brasil pelos índios tupis, mais adiantados, e pelos jesuítas, e concorria com o português, enquanto os índios tapuias ou jês, do interior, eram denominados *"índios de língua travada"*[15]. Em 1759, o Marquês de Pombal, por decreto de 17 de agosto daquele ano, torna o português o idioma oficial no Brasil, sendo a palavra de ordem a integração entre os diversos povos que compunham a população, começando pelas fronteiras.

Segundo os historiadores, os índios ficavam à margem da ordem colonial devido ao regime que tinham nas reduções, que contradizia não só os interesses particulares e imediatos dos colonos, mas também os da própria metrópole, aí compreendida a sua política de colonização. A começar pela ignorância da língua portuguesa, que não lhes era ensinada *"para evitar contatos com os colonos brancos; o regime disciplinar, quase de caserna, a que eram submetidos, o que fazia deles verdadeiros autômatos impelidos pela voz incontrastável, e o que é mais grave, insubstituível de seus mestres e chefes, os padres, coisa que os integrava de tal forma na vida e rotina das reduções, que fora delas o índio se tornava incapaz de aproveitar os ensinamentos da*

14 Antonio de Moraes Silva, *Dicionário de Língua Portuguesa.* Lisboa, 1913, ed. fac-similar, dir. de Laudelino Freire. Rio de Janeiro, 1922, p. IV-V, t. I.

15 No período do descobrimento, havia três milhões de indígenas na América portuguesa. Eram 4 grupos básicos, segundo classificação do cientista alemão Von den Stein, os quais se subdividem em grupos menores: Tupis, no literal, denominados "índios da língua geral", mais adiantados, formavam um complexo linguístico denominado Tupi-Guarani, integrado por inúmeras tribos rivais: Potiguares, Tabajaras, Caetés no Nordeste; os Tupinambás e os Tupininquins na Bahia; os Guaianases, no Planalto de Piratininga; os Tamoios, no literal, entre São Vicente e o Cabo Frio. Os Jês ou Tapuias (do interior), eram denominados "Índios de língua travada", englobavam os Aimorés, os Goitacases e os Cariris. Os grupos Nuaruaques e Caraíbas, na Amazônia. *Novo Dicionário de História do Brasil*,II. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1970, V. O índio, p. 357-362.

civilização que lhe tinham sido ministrados... " [16]

O SUPERESTRATO – Tem sequência a formação do "superestrato". Apesar de a língua portuguesa no Brasil ter incorporado vocabulário de origem tupi e africana, e de sofrer alterações na fonética – a propósito, dizia Eça de Queirós (1845-1900) que o português no Brasil era falado com açúcar – e em aspectos morfológicos e sintáticos, o decreto pombalino conferiu-lhe uma homogeneidade impressionante, sendo considerado responsável pela unidade nacional de norte a sul e pela integração do Estado Nacional. Em poucos países fala-se a mesma língua, geralmente são dialetos nas várias regiões, além do idioma oficial, culturalmente superior ou politicamente mais forte, aceito pelas demais. Tal o caso da Itália, França, Espanha, China etc. o que faz com que os cidadãos desses países sejam bilíngues.

Na competente rede de escolas públicas criadas pela velha República eram dadas quatro aulas semanais de português, enquanto as particulares, destinadas à burguesia, privilegiavam o ensino do francês e tiravam pontos da nota dos alunos se falassem português. Salientamos, em São Paulo, o papel do Instituto Presbiteriano Mackenzie que, já nos fins do século XIX, foi dos primeiros a enfatizar a importância da língua portuguesa, colocando entre seus professores dois mestres da gramática: Eduardo Carlos Pereira e Júlio Ribeiro.

SÉCULOS XIX e XX – O vocabulário português recebe novas contribuições, mais uma vez de origem greco-latina, para nomear as maravilhas da ciência e da tecnologia, tais como telefone, telégrafo, telepatia, hipnotismo, cinema, automóvel, televisão etc. e termos técnicos e científicos em inglês, a maioria calcada na mesma origem, sem que os intelectuais se deem ao trabalho de traduzir ou adaptar. Correntes nacionalistas na literatura atravessam o século XIX, motivadas pela Independência e pelo Romantismo, associados às lutas em prol do Abolicionismo, vitorioso no ocaso do Império. Multiplicaram-se os escritores e poetas que ainda passariam pelos movimentos literários em voga nos países europeus, em especial na França: Realismo, Naturalismo, Simbolismo etc.

---

16 Caio Prado Júnior, *Formação do Brasil Contemporâneo*, São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 92; João Cruz Costa, *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Ed., 1956, p.54-55.

MACHADO DE ASSIS (1839-1908) observou que, até aquele século, o traço dominante da literatura brasileira era o instinto da nacionalidade[17], embora, como Portugal, nesse período, ela tenha procurado seguir as tendências francófilas. Faltavam-lhe independência e crítica que apurassem o gosto e a educassem, em vista de se desenvolver e caminhar aos altos destinos que a aguardavam.

De fato, as profecias do grande Machado de Assis concretizaram-se e, partir de finais daquele século a literatura brasileira produziu autores que se alçaram ao plano internacional, traduzidos em diversos idiomas, a começar do próprio escritor e de Euclides da Cunha (1866-1909), jornalista e engenheiro, cuja obra *Os Sertões* (1902), epopeia em prosa, se ombreia com *Guerra e Paz* e com a *Canção de Rolando*, na linha traçada pela *Ilíada.* Euclides da Cunha, por sua vez, influenciou diversos literatos estrangeiros, como por exemplo, Mário Vargas Llosa, escritor peruano, vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 2010.[18] Já em pleno século XX, surge João Guimarães Rosa (1908-1967), médico e diplomata, com *Grande Sertão: Veredas* (1956). Segundo os mestres Antonio Cândido e José Aderaldo Castello, este *"soube criar um estilo próprio* [e], *baseado na contribuição regional e remontando, graças ao arcaísmo desta, às matrizes da língua.*[19]"

OUTROS AUTORES – Nosso país seguiu produzindo obras literárias admiráveis, a cargo de um grande número de escritores e poetas, alguns reconhecidos internacionalmente. Citemos, entre outros, Lima Barreto (1881-1922), Graciliano Ramos (1892-1953), Érico Veríssimo (1905-1975), Mário Quintana (1906-1994), Jorge Amado (1912-2001), Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), Pedro Nava (1903-1984), Lúcio Cardoso (1912-1968), Vinícius de Moraes (1913-1980), Rubem Braga (1913-1990), João Cabral de Melo Neto (1920-1999) e tantos outros. Como Euclides da Cunha, Monteiro

17 Machado de Assis prossegue: um escritor deve ter, entes de tudo, um certo sentimento íntimo que revele seu tempo e seu país, in: Machado de Assis: "Notícias da Atual Literatura. Instinto de Nacionalidade", in: Antonio Cândido e José Aderaldo Castello. *Presença da Literatura Brasileira: das Origens ao Realismo*, 11ª Ed., Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003, p.299-305.

18 Afrânio Coutinho, *apud*: Arnaldo Niskier, *op. cit.*, p. 57.

19 Antonio Cândido e José Aderaldo Castello. *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo. História e Crítica.* 11ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, pp. 434-435.

Lobato (1882-1948) é considerado pré-moderno apenas quanto aos temas, o que não invalida a monumentalidade da produção de ambos os escritores.

A Semana de Arte Moderna de 1922, organizada em São Paulo por um grupo de escritores e poetas, paulistas em sua maioria, caracterizou-se pelas tentativas de rompimento com relação aos princípios acadêmicos e de definição de brasilidade. Atuaram Mário de Andrade (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954), Menotti Del Picchia (1892-1988), Cassiano Ricardo (1895-1974), Guilherme de Almeida (1890-1969) etc., os quais foram responsáveis por uma renovação na literatura do Brasil.

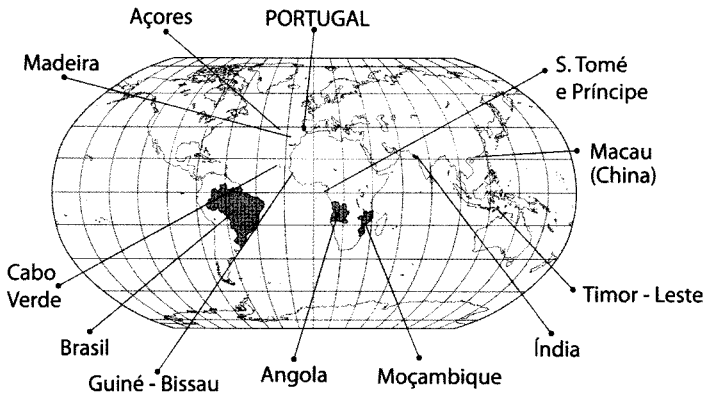
Entre os contemporâneos, é possível citar Haroldo de Campos (1923-2003), Paulo Bomfim (1926), Haduan Nassar (1935), Milton Hatoum (1952), já reconhecidos pela crítica. Sobressai uma série de mulheres que alçaram voo próprio: Senhora Leandro Dupré (1898-1984), Rachel de Queirós (1910-2003), Clarice Lispector (1920-1977), Lígia Fagundes Telles (1923), Cecília Meirelles (1901-1964), Cora Coralina (1889-1985), Adélia Prado (1935) e outras.

1931 – Modernamente, foi Fernando Pessoa, o consagrado poeta português, quem teve a necessária sensibilidade para compreender a beleza de nossa língua e clarividência quanto à importância do papel que desempenha e sempre desempenhou no cenário internacional. Ele, que era bilíngue, pois fora educado na África do Sul, tendo escrito também em inglês, se emocionou ao ler pela primeira vez a célebre passagem de autoria do Padre Antonio Vieira sobre o Rei Salomão, por onde chegou à famosa frase *"[...] Minha pátria é a língua portuguesa"*:

"[...] rompi em lágrimas felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar. Aquelle movimento hieratico da nossa clara língua majestosa, aquelle exprimir das ideias nas palavras inevitáveis, aquelle assombro vocálico em que os sons são cores ideaes, [...] a magua de não poder já ler pela primeira vez aquella grande certeza symphonica. [...] Tenho, porém num sentido, um alto sentimento patriótico. A minha pátria é a língua portuguesa [...] Mas odeio, com ódio verdadeiro, não quem escreve mal portuguez, não quem escreve em orthographia simplificada, mas a pagina mal escripta, como pessoa própria, a syntaxe

errada, como gente em que se bata, a orthographia sem ípsilon, como escarro directo que me enoja independentemente de quem o cuspisse. Sim, porque a orthographia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. É a gala da transliteração greco-romana veste-m'a do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha" [20]

1943 – O Brasil e Portugal vêm buscando prestigiar a língua junto à comunidade lusófona como poderoso instrumento de comunicação na vida internacional. A grafia uniforme é capaz de propiciar aos povos a ela vinculados melhores condições de progresso econômico, intelectual e moral, conforme José Carlos de Macedo Soares, então presidente da ABL, e acadêmicos, como Afonso d'Escragnolle Taunay.



Países que falam a Língua Portuguesa. Desenho de Breno A. Ferreira, de maio de 2015, baseado no site: http://www.cl.ipt.pt/cl/default.asp?script=portugues.

Com a globalização de nossos dias, começou-se a valorizar o mundo lusófono e o potencial sociocultural, político e econômico a ser proporcionado pelo intercâmbio entre os países membros, isto é, a língua como o grande instrumento de comunicação e afinidade cultural. Para tanto, detectou-se a necessidade de internacionalização do português e, como tal, este viria a ser, junto às Nações Unidas, um dos idiomas oficiais ou de trabalho, assim como

20 Fernando Pessoa, "A minha pátria é a língua portuguesa", *in*: "Descobrimento", *Revista de Cultura* n.3, 1931, pp. 409-410, *apud*: Bernardo Soares (heterônimo de Fernando Pessoa), *Livro do Desassossego,* recolhido por Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha; Lisboa, Ática, 1982, v.1, pp.16-17. Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/Aminha p%C3A1tria %C3%A9 a 1%C3% A língua portuguesa. Acesso em 20 jul. 2012. Nota: Foi mantida a ortografia original.

nas demais organizações regionais e internacionais. Na tentativa de nivelar as diferenças ortográficas, considera-se o carro-chefe da internacionalização o acordo ortográfico, o qual entrou em vigor no Brasil em 2009, mas tardaria a ser aprovado pela maioria dos países membros da CPLP[21].

1989 – O primeiro encontro dos chefes de Estado e de governo daqueles países ocorreu em novembro de 1989, em São Luís do Maranhão, por iniciativa de José Sarney, então Presidente do Brasil, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras. Nessa ocasião, surgiu a ideia da criação do Instituto Internacional da Língua Portuguesa – IILP.

1990 – Aprovado o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, em Lisboa, no dia 16 dezembro, pela maioria dos países lusófonos. A reforma ortográfica resultava da combinação da fonética com a etimologia (o Timor Leste aderiu em 2004), e foi assinada pela Academia das Ciências de Lisboa e pela Academia Brasileira de Letras, apoiadas pelas delegações dos demais países lusófonos que decidiram, então, realizar um vocabulário ortográfico da língua portuguesa.

1994, FEV. – Constituiu-se em Brasília, outra Cimeira de Chefes de Estado e de Governo, quando se criou a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

1999 – O IILP torna-se realidade, com sede na República de Cabo Verde, objetivando *"a promoção, a defesa, o enriquecimento e a difusão da língua portuguesa como veículo de cultura, educação, informação e acesso ao conhecimento científico, tecnológico e de utilização oficial em fóruns internacionais"*[22]. É dirigido pelo professor doutor Gilvan Müller de Oliveira, de nacionalidade brasileira, cuja gestão entrou em vigor a partir do dia 20 de Outubro de 2010[23].

2004 – Fica incluído o Timor Leste no Acordo Ortográfico de 1990.

2014 – Mas nem todos os portugueses e brasileiros foram unânimes em aceitar o novo acordo. Pelo contrário, houve muita reação em Portugal e tam-

21 "Comunidade de Países de Língua Portuguesa – CPLP", disponível em http://www.cplp.org/od-101.aspsc. Acesso em 31 out. 2011.

22 *Idem, ibidem.*

23 *Idem, ibidem.*

bém, em menor grau, no Brasil. Entre muitos outros descontentes, manifestou-se Armando Alexandre dos Santos, editor da "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", o qual, confrontado na Rádio Câmara de Brasília com o Acadêmico Evanildo Bechara, criticou o acordo ortográfico *"por ser desnecessário, por não atingir a finalidade a que se propõe (a unificação da grafia portuguesa no mundo inteiro) e por causar graves transtornos e despesas para incontáveis pessoas."*[24]

Nessa Babel de sugestões, a reforma ortográfica ganhou um importante defensor, o jornal *O Estado de S. Paulo*, que não transige quanto à obediência àquelas academias, as quais, ele alega, têm competência suficiente para exercerem, por lei, o papel de guardiãs de nossa língua portuguesa[25]. Já em 1911, quando Portugal decretou a reforma ortográfica simplificada, Amadeu Amaral, o redator desse matutino e Silvio de Almeida, colaborador, conseguiram convencer o jornalista Nestor Pestana, a aceitar a reforma. E assim se fez, o que arrastou consigo um grande número de jornais. Contudo, Júlio de Mesquita, seu diretor, se encontrava ausente, na Europa, por motivo de saúde. Quando pôde, finalmente, retomar suas atividades, mandou que se restabelecesse a antiga ortografia[26].

De fato, sempre ou quase sempre predominaram as discordâncias entre portugueses e brasileiros quanto à ortografia. Observamos que, de ambas as partes, as posturas são distintas. Os lusos, mais conservadores, passaram por diferentes circunstâncias, se comparados aos brasileiros. Estes sempre foram mais abertos às inovações, aos neologismos, pois se trata de povos de diferentes composições. Os brasileiros, muito mais miscigenados, desde cedo se misturaram aos aborígenes, africanos, árabes e europeus de diferentes nacionalidades. Passou por movimentos culturais e literários diversos da Metrópole, a começar pelo nacionalismo, na época da nossa Independência e do

24 Armando Alexandre dos Santos, *Estudo Crítico sobre o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, Piracicaba, 2011.

25 O Estado de S. Paulo, A-3, São Paulo, 27 de julho de 2014, http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral.a-ortografia-no-senado-imp-,1534674. Acesso: 31 mai. 2015.

26 Paulo Duarte, *Júlio Mesquita,* São Paulo, Editora Hucitec/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1977, p.56.

Romantismo, quando exaltou o indígena, ou pelo Modernismo, empenhado na valorização da cultura popular e do folclore, sem falarmos na decadência atual da educação, em todo o país. Quando isso ocorre, paralisa-se o raciocínio lógico e todas as formas de concordância. De modo que as alterações têm que ser feitas de cima para baixo, pois a linguagem popular torna-se desconexa, perde a lógica e a uniformidade, fato que não ocorre nas grafias das línguas espanhola, italiana e francesa. Como observou o professor e filólogo Evanildo Bechara, autoridade máxima no Brasil sobre o novo acordo ortográfico, autor da *Moderna Gramática Portuguesa*, trata-se de fatores que dificultam a penetração da língua no mundo, já que o objetivo do acordo é o de que o português alcance a maior divulgação no mundo. Segundo ainda o professor, que teve a gentileza de conversar conosco a esse respeito, por telefone, em outubro de 2014, optou-se por uma reforma relativa porque é preciso atender às realidades fonéticas.

Em 2014, no período de 10 a 12 de setembro, houve uma nova tentativa: reuniram-se os representantes de todos os países lusófonos, na Academia de Letras de Brasília, com o objetivo de dirimir dúvidas e de solicitar que cada país realize o seu vocabulário. Vieram os representantes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, e Timor-Leste. Também estiveram presentes todas as congêneres brasileiras, municipais e estaduais, para oferecerem seus entendimentos, suas críticas e sugestões. O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa encontra-se *sub examine* no Brasil até 31 de dezembro de 2015, conforme Decreto n. 7.875, de 27 de dezembro de 2012.

O CAOS LINGUÍSTICO – Enquanto se estudam estratégias de internacionalização da língua portuguesa, o Ministério de Educação e Cultura (do Brasil) – MEC anda no sentido contrário: propõe-se a relativizar os erros de português que se cometem em nosso país, acreditando que o conhecimento da língua forneça munição para a discriminação social. Confundiu linguagem com a língua e língua familiar com a língua escrita. Assim, valeriam todas as formas de expressão e os alunos estariam livres para escolhê-las. Há poucos meses, o Brasil inteiro assistiu, estupefato, à consagração nos livros didáticos,

de frases como: *"Nois pega o peixe..."* e *"Os menino pega o peixe"* [27]. Diz ainda o professor Evanildo Bechara que *"a língua familiar é aceita do ponto de vista linguístico, mas não deve ser ensinada"*, E ainda: *"Sempre se vai à escola para se ascender à posição melhor. A própria palavra educar, que é formada pelo prefixo latino* ***edu****, quer dizer conduzir"* [28].

Desenvolve-se, ante nossos olhos e ouvidos, um verdadeiro caos linguístico. Vemos a valorização do idioma (mal)falado. O linguista, hoje, quer estudar a língua em sua espontaneidade, motivado por ideologia ou pela antropologia.

Na verdade, a língua falada, que se altera o tempo todo, preserva antigos elementos, o que lhe dá sustentação. Diz o professor e filólogo Segismundo Spina que a arte sofre influência tanto da vertente erudita quanto da popular. A poesia, por exemplo, deriva da música e da coreografia, de modo que ela necessita de ritmo como a prosa também. Assim, não nos autossatisfaremos apenas com o popular e cita a toada monótona dos indígenas brasileiros cuja aridez não acrescenta nada à dança. Verifica-se que nem a *"poesia popular saiu da poesia de arte, nem esta saiu daquela. Os dois tipos coexistem no tempo e no espaço, desde que coexistam as classes sociais"*. O que há *"entre uma e outra forma de poesia é um fenômeno de capilaridade, de contínua e mútua osmose de processos técnicos e formais, devendo notar-se que a poesia culta sempre hauriu com vantagem os recursos formais da poesia popular..."* [29]

Observa Ataliba Castilho, professor da USP, autor da obra *Nova Gramática do Português Brasileiro* (Contexto), que existem duas tendências na língua: preservar e renovar, uma vez que recebemos o português do século XV, da era dos descobrimentos, com seu sotaque e seu vocabulário. Segundo ele, é o aspecto conservador que sustenta o idioma.

Nos últimos dez anos, a educação foi associada às ideias políticas e a re-

---

27 A autoria das frases supra é da professora aposentada Heloísa Ramos, contidas no livro: *Por uma vida melhor, 2001,* que teve uma tiragem de 500 mil exemplares, distribuídos para 4.236 escolas no Brasil, sob o patrocínio do MEC. In: José Verdasca Santos, O VERBO, boletim da Ordem Nacional dos Escritores. José Verdasca dos Santos, presidente da ONE, foi entrevistado a esse respeito na Rede Vida de Televisão, às 21 horas do dia 7 out. 2011.

28 Aula proferida pelo professor Evanildo Bechara no Departamento de Jornalismo e Editoração da Escola de Comunicação e Artes da USP, a 1° de março de 2013.

29 SPINA, Segismundo. *Na Madrugada das Formas Poéticas*, São Paulo: Ática Ed., 1982, p.44.

soluções demagógicas importadas de países do primeiro mundo, impostas por instituições financeiras internacionais. As escolas públicas do Estado de São Paulo receberam ordem de facilitar aos alunos carentes o ingresso e a permanência nas mesmas, mediante o sistema de progressão continuada, isto é, estejam ou não devidamente preparados, todos são aprovados. Esse procedimento tem desmotivado, além do professor, a criança e o adolescente, incentivando-os à dispersão. Remuneram-se mal os docentes que, muitas vezes, não se apresentam preparados e até sem o diploma competente. O resultado é o pior possível: atualmente, a cada dez brasileiros, sete são analfabetos funcionais.

Acrescentamos que, em todo território nacional, a má qualidade da escola pública é apontada como o principal fator da queda do Índice de Desenvolvimento Humano, o IDH do país. A solução encontrada pelo governo federal constitui ou a doação de bolsas ou as cotas raciais concedidas obrigatoriamente aos alunos de baixa renda, provenientes das escolas públicas por ocasião de seu acesso aos cursos universitários. Ignora-se que a democracia deve ser garantida por um ensino fundamental de excelência proporcionado em todas as escolas públicas do país.

O EMPOBRECIMENTO DA LÍNGUA – Face ao império da lei do mínimo esforço, vemos, entre nós, o empobrecimento do português, cada vez mais longe das variantes portuguesa e africana e de difícil compreensão. Aboliu-se o ensino do latim. Há dificuldade de expressão de boa parte da população e mesmo junto aos intelectuais, aos dirigentes da nação e à própria mídia, onde ouvimos: "*Real, dólar, peso, euro É na Casa de Câmbio Tal...*" "*A Casas Bahia É...*", *AS CAUSA É A SEGUINTE*[30], *AS ARTE*, e outras agressões. Ou perderam-se diversas construções vernáculas que enriqueciam a língua, tais como o uso do subjuntivo e suas nuances de dúvida, o desaparecimento da crase e do pronome SE. Este sumiu de circulação, agora se fala: "*O fulano casou*"; "*a sicrana aposentou*", *EU VOU QUALIFICAR...* por *"eu vou me qualificar"* para o mestrado.... Encontramos com frequência a mistura das formas de tratamento no mesmo contexto: tu com você e com vós, até nos textos bíblicos e nos folhetos das missas, quando não até na mesma frase; o uso

30 Erro cometido por um médico, falando pela Rádio Estadão ESPM, às 9:00, no domingo, dia 22/9/2013.

errôneo das preposições e, principalmente, a perda do **S**, indicativo do plural. A tendência é a aceitação e mesmo consagração das construções populares nos livros didáticos e nos dicionários, e a multiplicação das exceções gramaticais. Ouvimos constantemente "*Com nós*" e não *"conosco"* (Dunga, o técnico de *football* que o diga, e também jornalistas ou radialistas), ou "nóis vai", eu vi você, eu espero você, etc. O substantivo "gente" virou pronome: "*a gente vamos*" é usado em lugar de nós que desapareceu do idioma falado e, ainda, trocou de gênero, do feminino passou ao masculino, quando quem fala pertence ao sexo masculino. Por exemplo: *"a gente está muito cansado"*! Certos gramáticos e dicionaristas são extremamente condescendentes com os erros da língua falada e não consideram mais a eufonia, pois o que lhes importa é o uso. Só que nem sempre este é o mesmo em todo o território nacional. Tais atitudes revelam o pouco caso demonstrado pelos cidadãos com referência à língua e ao seu aprendizado, compreendida a falta de estudo e de interesse.

Em vista da melhor aproximação entre as variantes do português, espera-se que a nova reforma ortográfica, aprovada em 2009, seja aceita por todos os países membros da CPLP. Entre nós, contudo, ainda não foi devidamente assimilada pela população, sendo mesmo que algumas editoras relutam em aceitá-la, enquanto a maioria investiu muito dinheiro.

Diz, ainda, o professor Evanildo Bechara, que o adiamento da adoção obrigatória do acordo ortográfico para 2016, constitui medida que ameaça o esforço para alcançarmos todos, a unidade essencial da língua portuguesa na área da ortografia, por razões pedagógicas, culturais, políticas e de prestígio internacional[31].

Verificamos que muitos europeus preferem aprender o português de Portugal por ser mais conservador e estável. Não queremos dizer que a língua seja algo estático ou que necessite permanecer numa camisa de força. Trata-se de um organismo vivo, sujeito a alterações ou modalidades diversas segundo as diferentes culturas e nacionalidades. Contudo, uma vez que um idioma é, por excelência, instrumento de comunicação entre os cidadãos de um país ou membros de uma comunidade, é preciso haver um equilíbrio e que se respei-

31 BECHARA, Evanildo. *ABL reage às críticas ao acordo*. In: *Língua Portuguesa*, São Paulo, n 89: 30-33.

tem os instrumentos de controle, como a gramática, o dicionário e a literatura, cujas normas, se respeitadas, vão possibilitar a comunicação entre o maior número possível de pessoas. Caso contrário, cria-se uma torre de Babel e paralisam-se a própria comunicação e a evolução do pensamento científico e filosófico.

A história da civilização ocidental vem demonstrando que uma língua, quanto mais trabalhada for pelos gramáticos e capacitada a transmitir a criatividade científica, tecnológica, filosófica e literária, isto é, quanto mais rica se mostrar do ponto de vista cultural, maior a possibilidade de se sobrepor às demais. Mesmo quando um povo for militarmente vencido.

Mais uma vez, citemos Rui Barbosa: *"Aspirar à clareza, à simplicidade e à precisão sem um bom vocabulário e uma gramática exata seria querer o fim sem os meios"*.

Na verdade, a unificação da língua portuguesa, em prol do mundo lusófono, deve realizar-se não só por meio da padronização da ortografia como pela gramática. O respeito a esta confere a regularidade e a uniformidade do idioma. Dessa forma, ele fará o caminho inverso ao que assistimos hoje, o qual, se assim permanecer, fatalmente levará à subdivisão do idioma.

O dia oficial da língua portuguesa serviria para motivar o MEC e as instituições de ensino a cumprirem metas, começando por estimular a sua melhoria em todos os setores, em vista do maior intercâmbio entre as nações que compõem o mundo lusófono. Por minha experiência no magistério, penso que é preciso conciliar as variantes da nossa língua, tanto em nível nacional quanto internacional, a começar pelo ensino mais rigoroso e generalizado da gramática, e das literaturas dos diversos países membros. Devem ser feitas leituras em voz alta, cópias e memorização de textos e poesias dos bons autores, pois há necessidade de se ouvir a linguagem correta em vista de seu aprendizado. Tais tarefas precisam se desenvolver com urgência no Brasil. É necessário ouvir corretamente para falar corretamente. Pelo exposto, concluímos: *"A língua é música, necessita de ritmo e de eufonia"*.

A experiência dos países de língua hispânica deve servir de exemplo, por ser mais simplificada e se ter revelado das mais positivas, a saber: cada país possui sua academia de letras, as quais, por sua vez, se encontram subordina-

das à *Real Academia Española*. Impera uma só gramática. A prova de que se harmonizaram as diferenças culturais e linguísticas é que o espanhol é uma das línguas que mais tem recebido o Premio Nobel de Literatura.

Pelo exposto, ao que tudo indica, a vigência do acordo ortográfico parece um bom começo. Esperamos que o IILP não poupe esforços quanto a esse objetivo tão importante.

Bibliografia

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.* 5ª ed. São Paulo: Global, 2009.

BECHARA, Evanildo. "ABL reage às críticas ao acordo". In: *Língua Portuguesa*, São Paulo, n 89: 30-33.

CAETANO, João; GRAYLEY Mônica Villela. O português no mundo, três anos após. *O Estado de São Paulo.* São Paulo, 25 jul. 2011.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira:* das Origens ao Realismo. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *Presença da Literatura Brasileira:* Modernismo. História e Crítica. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CASARES, Julio. *Diccionario Ideológico De La Lengua Española.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1951.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa.* 48 ed. rev. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

COMUNIDADE DE PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: http://www.cplp.org/id-101.aspx. Acesso em 31 out. 2011.

COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*, Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Ed., 1956.

CURTO, Diogo Ramada. Língua e Memória: a língua e a literatura. In: MAGALHÃES, Joaquim Romero (coord.). *História de Portugal:* no Alvorecer da Modernidade (1480-1620). Lisboa: Ed. Estampa, 1993, pp. 375-376, v. 3.

DUARTE, Paulo. Júlio Mesquita, São Paulo, Editora Hucitec/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1977.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de (et. al). *História da Civilização*: área de estudos sociais. 7ª e 8ª séries do Primeiro Grau (antigas 3ª e 4ª séries ginasiais). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Com a nova ortografia da língua portuguesa.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

_____. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa.* 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MATTOSO, José (dir.). *História de Portugal.* 3 v. Lisboa: Editorial Estampa, [s.d].

MEDEIROS, Adelardo Dantas de. *História da Língua Portuguesa:* Tempo, vida e espaço. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v-sQaEFXluy4c. Acesso em: 13 jan. 2011.

MELO, Luís Correia de. *Dicionário de Autores Paulistas.* São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade, 1954.

MÓDOLO, Marcelo (org.). *Oração aos Moços/Rui Barbosa.* São Paulo: Hedra, 2009.

NISKIER, Arnaldo. *Língua Portuguesa, uma Paixão.* João Pessoa: União Ed., 2009.

NOVO DISCIONÁRIO DE HISTÓRIA DO BRASIL. São Paulo: Melhoramentos, 1970.

O ESTADO *de São Paulo*, 12 de julho de 2013, Caderno 2, p. C9.

O ESTADO *de São Paulo*, 27 de julho de 2014, A-3. Disponível em: http://opiniao.estadao.com.br/noticias/geral.a-ortografia-no-senado-imp-,1534674. Acesso: 31 mai. 2015.

PAIVA, Cláudia Gomes. *Brasil:* nação monolíngue? Disponível em: http://www.letras.ufscar.br/linguagem/;edicao11/artigos_13php. Acesso em: 21 out. 2011.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*, São Paulo, Brasiliense, 1981.

PESSOA, Fernando. A minha pátria é a língua portuguesa. In: "Descobrimento", *Revista de Cultura* n.3, 1931, pp. 409-410, *apud*: Bernardo Soares (heterônimo de Fernando Pessoa), *Livro do Desassossego,* recolhido por Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha;Lisboa, Ática, 1982, v.1, pp.16-17. Disponível em: http://pt.wikisource.org/wiki/Aminha p%C3A1tria %C3%A9 a 1%C3%Alíngua portuguesa. Acesso em 20 jul. 2012. Nota: Foi mantida a ortografia original.

PETIT Larousse en Couleurs, Librairie Larrouse, *1989.*

SANTOS, Armando Alexandre dos. *Estudo Crítico sobre o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*, Piracicaba, 2011.

SANTOS, José Verdasca. O VERBO, boletim da Ordem Nacional dos Escritores. José Verdasca dos Santos, presidente da ONE, foi entrevistado a esse respeito na Rede Vida de Televisão, às 21 horas do dia 07 out. 2011.

SILVA, Antonio de Moraes e. *Dicionário de Língua Portuguesa,* 1913, ed. fac-similar, dir. de Laudelino Freire. Rio de Janeiro, 1922, 2 t.

SPINA, Segismundo. *Na Madrugada das Formas Poéticas*, São Paulo: Ática Ed., 1982.

Sites:

http://bomlero.blogspot.com.br/2012/11/o-imperio-romano-um-exemplo-admiravel.html

http://www.cl.ipt.pt/cl/default.asp?script=portugues

www.cervantesvirtual.com